

# Lambe-lambes: eternizando memórias

Em plena era digital, na qual basta sacar do bolso o smartphone para eternizar momentos, alguém – com menos de 25 anos – consegue imaginar que antigamente existiam fotógrafos que ganhavam a vida tirando fotos nas praças? Mais ainda: que esses profissionais que se dedicavam a registrar imagens anonimamente, a céu aberto, entregam fotos em papel reveladas em poucos minutos?

Eles são os famosos ‘lambe-lambes’, que resistiram – ao menos em Ribeirão Preto – até o final do século passado...

Francisco Miguel Pereira, mais conhecido como ‘Paraíba’, foi um deles. Então aos 64 anos, ele teve sua história contada pelo Tribuna em 1996, numa matéria sobre profissionais em extinção.

Natural – obviamente – do estado que lhe valeu o apelido, Francisco chegou em Ribeirão nos anos 60. Antes, passou por Birigui, região com forte tradição pecuária. Como grande parte dos migrantes nordestinos, deixou a terra natal em busca de emprego.

“Naquela época a gente trabalhava era na lavoura e nesse serviço fiquei anos. Depois, foi chegando o boi, a lavoura virou invernada e o boi expulsou o homem do campo”, contou.

Na ex-Capital do Café, Francisco foi um dia abordado por um lambe-lambe desiludido com a profissão. Como buscava uma forma de sobreviver na cidade nova, não pensou duas vezes e comprou todo o equipamento.

Na raça, sem curso ou ajuda, aprendeu a “manejar aquela gerinçõça”, como disse. E desde então, passou a ganhar a vida como fotógrafo na praça Francisco Schimdt, na Vila Tibério.

“Estou com essa máquina faz 20 anos. Ela nunca quebrou. E, a bem da verdade, vou lhe dizer que é dela que tirei meu sustento e da minha família. Até uns dez anos atrás, eu tinha uma média de dez fregueses por dia; hoje, eu tenho cinco, seis



Francisco atende cliente na praça Francisco Schimdt, na Vila Tibério



Seo Madruga: personagem do seriado Chavez trabalhou como fotógrafo lambe-lambe

por semana”, afirmou Paraíba, sobre a máquina alemã Volgsländer Anastigmat, instalada numa espécie de caixote mágico.

Cada foto demorava cerca de

20 minutos para ser entregue. Esse era o tempo necessário para tirar, revelar e entregar a imagem! Algo, certamente, surreal para a atual e imediatista geração, acostumada

a consumir e digerir imagens com uma rapidez assustadora.

Durante a matéria, o fotógrafo atendeu um cliente. Era Rubens Teixeira de Andrade, morador da Vila Tibério que se apresentou como supervisor de vendas da Petrol. Morador do pedaço há mais de 20 anos, levou o filho para tirar uma foto para a escola.

“Sou um saudosista. Sempre morei aqui perto e me lembro bem da época em que aqui na praça Schimdt tinha seis, sete lambe-lambes. Era uma beleza! É uma pena que essa profissão esteja desaparecendo, porque ela faz parte do ambiente, da cidade. Sempre que posso venho aqui, trago meu filho. Se o lambe-lambe desaparecer, desaparece com ele uma parte da história de Ribeirão”, lamentou Rubens.

Enquanto o repórter conversava com o supervisor de vendas, Francisco prepara o garoto para a foto. Quando está tudo praticamente pronto, ele percebe uma luz lateral estragando a imagem...

A solução é rápida, inversamente proporcional ao tempo de entrega da foto. Um taxista que também ganhava a vida na praça tiberiana se transforma em biombo, ao lado do garoto, e está garantida a foto.

Ao fim do bate-papo, numa época em que o digital ainda não havia chegado às ruas, mas a Kodak popularizava os filmes e máquinas fotográficas amadoras, Paraíba se mostrava resiliente. “De fato, infelizmente, essa minha profissão vai acabar dentro de uns cinco anos. Na verdade, no ritmo que essas máquinas modernas estão aparecendo e com o desemprego crescendo, mais uns três anos e os lambe-lambes desaparecem”, afirmou.

“Mas tá bom! Essa máquina já me deu uma casa, um carrinho e o sustento da família. Me aposento agora em setembro e, se a aposentadoria não der, vou trabalhar de guarda noturno. É o que posso ainda fazer”, completou Francisco, talvez o último lambe-lambe de Ribeirão...

## Fotografia é reconhecida como bem cultural imaterial em BH

Em Belo Horizonte, a fotografia lambe-lambe é uma tradição histórica, que ganhou reconhecimento oficial. Tudo começou nos anos 1920, no Parque Municipal, onde os fotógrafos tiravam fotos na hora para documentos e retratos. Em 2012, o ofício foi declarado patrimônio cultural imaterial da capital mineira.

A condição, porém, não “o blindou o ofício de extinção”, devido ao avanço da tecnologia e à facilidade – e rapidez – de fotos instantâneas com equipamentos digitais modernos.

A cidade, que chegou a ter centenas de fotógrafos lambe-lambes, testemunhava há poucos anos os últimos deles em plena atividade. Segundo matéria do Estado de Minas, em julho de 2023, eles eram apenas três e estavam restritos ao Parque Municipal, onde o ofício, patrimônio imaterial da capital mineira, começou.

### Por que lambe-lambe?

São conhecidas várias teorias sobre a origem do termo lambe-lambe. A principal delas é relacionada à revelação das imagens, que exigia tempo mínimo de lavagem e pouca quantidade de água. Para garantir a qualidade do trabalho, os fotógrafos tocavam a língua nas fotos para avaliar a qualidade da fixação e do processo.

O equipamento do lambe-lambe era uma espécie de ‘câmera-laboratório’: uma caixa madeira com uma lente acoplada e recipientes de químico em seu interior. As fotos eram reveladas ali mesmo.

## Linotipo fez história na imprensa

A mesma matéria apresentou outra profissão que estava em vias de extinção: o linotipista. Para quem não conhece, esse profissional foi extremamente importante na evolução da imprensa. Ele era o responsável por operar uma máquina chamada linotipo, que compunha textos para impressão, moldando linhas de texto em metal de forma automatizada.

Com o avanço da editoração eletrônica, técnica da qual o Tribuna foi precursor em Ribeirão Preto, a profissão de linotipista se tornou obsoleta.

Mas, em 1996, ainda havia um so-

brevivente na cidade – e por coincidência, também na Vila Tibério. Era a Linotipadora Colombo, localizada em um sobrado na rua Martinico Prado.

Ali morava e trabalhava José Sebastião Luz, o Colombo, “um dos bons e poucos linotipistas que ainda atuam no país”, segundo o jornal. Natural de Guaxupé, no interior de Minas Gerais, ele começou no jornalismo aos 10 anos.

Na casa, num quarto cumprido e estreito, duas linotipos – uma delas desmontada, pronta para ser enviada ao Museu do Café – e um monte de letras, tipos e chumbos. Por mais de 40 anos,

Colombo as havia pilotado e delas tirado o sustento da família. Ali, já pouco podiam entregar.

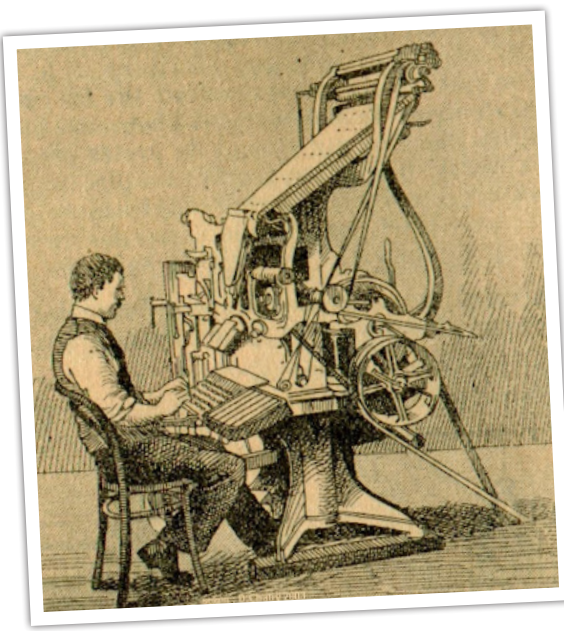
“Eu trabalhei em todos os jornais de Ribeirão Preto e mais outros de cidades como Campinas, Rio Claro, Mococa e Barretos. O linotipista, na época, era até mais importante que o jornalista, porque ele é que dava ritmo à produção e forma ao material que vinha da redação. Muitos de nós até chegavam a ganhar mais do que muitos jornalistas”, afirmou, com orgulho.

Seus últimos clientes eram gráficas da cidade e região, além do ‘Jornal Ofi-

cial’ da prefeitura de Jardinópolis. E, na solidão do quarto, afirmou estar consciente com o fim da profissão. “É normal que isso aconteça. Foi assim com o cinema quando apareceu a televisão, vai ser sempre assim. Dói muito em mim porque foi uma vida inteira vivendo com esse trambolho maravilhoso, foi ele, que no final das contas, acabou me

dando, o que tenho. Consegui formar advogadas minhas duas filhas e tenho esse sobrado onde moro e um carro velho pra pescar. Não quero muito mais”, disse Colombo.

“Agora, uma coisa vou dizer: enquanto tiver uma linha para ser escrita, estou escrevendo e compondo nessa nossa amiga de sempre”.

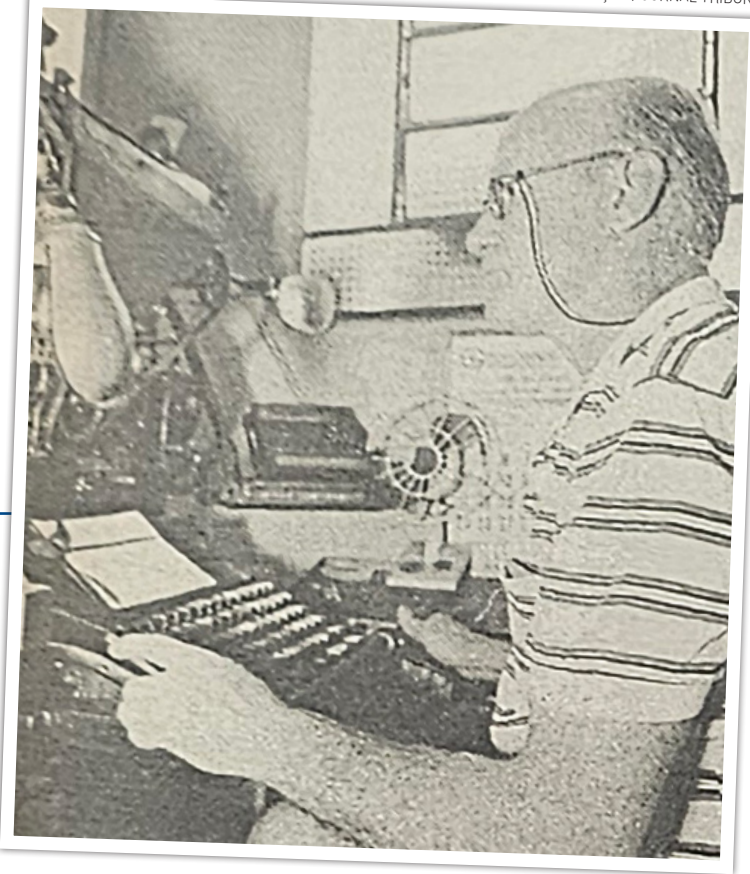


### Máquina foi inventada em 1886

A linotipo foi inventada por Ottmar Mergenthaler, em 1886, na Alemanha. Seu funcionamento consiste na fusão em bloco de cada linha de caracteres tipográficos, compostos em um teclado, como o da máquina de escrever. As matrizes que compõem a linha-bloco descem do magazine onde ficam armazenadas e, por ação do distribuidor, a ele voltam, depois de usadas, para aguardar nova utilização.

As três partes distintas – composição, fundição e teclado – ficam unidas em uma mesma máquina. A capacidade de produção é de seis mil a oito mil toques por hora. Suas matrizes (superfícies impressoras) são em baixo relevo, justapostas em um componedor (utensílio no qual o tipógrafo vai juntando a mão, um a um, os caracteres que irão formar as linhas de composição). O próprio operador despacha para a fundição, a 270 graus Celsius.

Colombo foi talvez o último linotipista de Ribeirão Preto



REPRODUÇÃO / JORNAL TRIBUNA





# Amigos para sempre

Trazer personagens interessantes e com muita história boa para contar sempre foi uma das especialidades do Tribuna Ribeirão, desde as primeiras edições. Em uma delas, o jornal apresentou Ruy Cardoso de Almeida e Rodolfo Formentin, dois simpáticos aposentados moradores da Vila Tibério, então com 75 e 72 anos, respectivamente.

São cunhados. E amigos de longa data, para ser mais preciso, desde 1941. Mais do que isso, são amigos de guerra - literalmente!

Ruy e Rodolfo se conheceram no 2º Regimento de Obuses Auto-Rebocado (RO-AuR), uma divisão de artilharia do Exército Brasileiro. Surgiu ali uma grande amizade, que iria durar o ano todo de treinamento até chegarem ao Rio de Janeiro, de onde embarcaram para o front, na Segunda Guerra Mundial.

“Era início de 1942, não me lembro bem o mês. Mas o navio era estupendo, era o General Man, da marinha americana, com tripulação de 1.500 homens. Nele embarcaram mais de dez mil expedicionários. Nosso destino era Nápoles, então em poder dos americanos e a viagem ia durar cerca de 14 dias”, conta Ruy.

Ele, aliás, não poupou elogios aos norte-americanos, contando com detalhes de quem recordava como se tivesse vivido no dia anterior fatos de 50 anos antes. “Tudo ali era organizadíssimo, limpo. Durante a viagem fomos sendo civilizados pelos americanos. Todos éramos obrigados a andar com salva-vidas, cantil, linha, anzol, material de pesca, lata de bolacha e um lenço vermelho para despistar tubarões no caso de naufrágio. Era difícil porque todos os dias tinha treinamento com bombas de profundidade e por duas ou três vezes chegamos mesmo a sofrer ataques reais de submarinos inimigos”, contou.

“Mas teve um momento da viagem que valeu todo esse nervosismo inicial. Foi em Gibraltar, no estreito, onde vivemos o que nem o cinema consegue reproduzir. Nosso navio ia em direção ao canal e, de repente, antes que voltássemos ao mar aberto, percebemos que outros dois navios nos ladeavam. Um da marinha brasileira, outro da

americana. Num determinado momento centenas de marinheiros, de ambos os navios, todos de branco, no convés, começaram a nos saudar com lenços e bonés brancos”.

Neste momento, Ruy não se aguenta e cai num choro compulsivo. Rodolfo, do outro lado da sala, procura se manter impávido, mas atrás dos óculos os olhos verdes brilham cheios de lágrimas contidas.

Refeito, Ruy continua a contar as histórias do conflito. Logo que partiram de Nápoles, lembra, os expedicionários receberam dois sacos “de guerra”, o saco A e o B. No primeiro havia roupas e suprimentos de verão, no outro os mesmos itens, mas para uso no inverno.

O desembarque aconteceu durante a madrugada. Anos depois, os amigos pracinhas ainda revelam o medo que sentiram naquele momento. “Não esqueço aquela visão nunca. Quando olhamos para fora, o mar estava coalhado de barcas. Pareciam mil, duas mil, sei lá. Desembarcamos e em cada uma cabiam cerca de 300 homens. Eram barcos de transporte rápido e uma vez lá dentro não se via nada, era só céu, nuvens e solavancos. A barcaça parecia um cavalo bravo no mar”, relembrou Ruy.

Rodolfo, homem de poucas palavras, resolver também começar a falar. “Éramos como cegos naqueles barcos. De repente, começou todo mundo a vomitar, a passar mal de verdade. Tinha até uma espécie de latão imenso pra turma descarregar. Ali, foi o primeiro momento em que vi gente com medo, arrependida, homem chorando pedindo pra voltar para a pátria, para a família”.

A viagem pelas ondas do mar terminou em Livorno, na Suíça. A cidade estava sendo bombardeada e os brasileiros desceram em estado precário de saúde. Foram recebidos por soldados dos Estados Unidos. “Eles nos jogaram em caminhões do exército americano e fomos levados para Pisa (Itália). Lá já encontramos acampamentos prontos, tudo direitinho”, continuou Rodolfo.

“Foi lá, também, que recebemos uniformes adequados, roupas específicas do exército americano. Ali passamos a pertencer ao Quarto Corpo



Amizade começou no Exército e durou por toda a vida



Os expedicionários Ruy (esquerda) e Rodolfo

do Quinto Exército dos Estados Unidos e o comandante da FEB, Mascarenhas de Moraes, passou a ser comandado pelo general Clarck”, seguiu ele, lembrando.

De Pisa foram para Monte Castelo. Lá, finalmente a ação no front. Agora, era a vez de Ruy voltar a contar. “Os ita-

lianos e alemães não queriam perder Monte Castelo, porque ali estavam protegidos pela natureza. Era uma imensa rocha, cheia de cavernas que bomba e canhão nenhum penetravam”.

Entre lembranças de momentos de dor e angústia durante o confronto, Ruy con-



Rotina no front fortaleceu a amizade entre eles

clui contando que prometeu – por correspondência, é claro – à mãe do amigo, durante a guerra, que a primeira coisa que faria ao voltar ao Brasil seria conhecê-la pessoalmente, em São Paulo. Era uma forma de agradecer pelo filho, que havia se tornado seu grande amigo!

E assim foi. Quinze dias depois, de lá, juntos, foram para Pitangueiras, agora conhecer a família de Ruy. Lá estava Lurdes, irmã do amigo e que viria a se tornar, dois anos depois, esposa de Rodolfo.

E assim, mais do que amigos, os dois se tornaram parentes!



## Maurílio Biagi Filho

### O jornal tem sido uma referência para Ribeirão Preto e toda a região

“Completar 30 anos é uma conquista que merece ser celebrada com orgulho, ainda mais em um cenário em que a informação circula de forma cada vez mais efêmera e digital. O Tribuna Ribeirão resiste com qualidade, ética e dedicação, reafirmando o valor da imprensa escrita, um espaço onde a reflexão e a credibilidade ainda têm tempo e profundidade.

Ao longo dessas três décadas, o jornal tem sido uma referência para Ribeirão Preto e toda a região, acompanhando o desenvolvimento da nossa comunidade, registrando fatos marcantes e dando voz às pessoas e às empresas que constroem nossa história.

Parabenizo toda a equipe do Tribuna Ribeirão por manter viva essa tradição jornalística tão importante, conciliando modernidade e compromisso com a verdade. Que venham muitos outros anos de sucesso, informação e boas histórias contadas com o mesmo zelo e seriedade de sempre.”

O empresário Maurílio Biagi Filho atualmente é presidente do Conselho de Administração da holding familiar Maubisa, que opera no segmento imobiliário, agronegócios e de investimentos em variados setores da economia. Biagi também atua diretamente junto a conselhos e entidades locais e nacionais de diversos segmentos - entre elas FAEPA, FIESP, ALAGRO (Academia Latino-Americana do Agronegócio), ABIMAQ – e é presidente de honra da Agrishow, uma das maiores feiras agrícolas do mundo.

### O dia em que o Tribuna entregou um carro a Maurílio Biagi

Um fato, no mínimo inusitado, foi protagonizado pelo Tribuna e uma das maiores referências do setor sucroenergético, Maurílio Biagi Filho. O empresário ficou conhecido por sempre criticar os usineiros por não utilizarem o combustível que fabricavam em seus carros particulares e nas frotas de suas empresas. Ele mesmo, foi o primeiro a comprar o Fiat 147, diretamente do dono da montadora, antes mesmo dele ter sido produzido e trocou toda a frota da Usina Santa Elisa por este modelo de carro.

Na década de 1990, teve Landau a álcool e andava com uma BMW ‘a gasolina’ somente abastecendo-a com etanol, sem fazer qualquer modificação no motor ou na injeção. “Uma vez fui buscar o ministro Pratini de Moraes com ela (BMW) no aeroporto e ele ficou perplexo. Quem sabe isso inspirou a Volkswagen a fazer o flex. Brincadeiras à parte, eu acredito tanto no etanol que desafiei em um encontro com jornalistas a todos abastecerem seus carros com álcool, mesmo sendo a gasolina de fábrica. Alguns

abasteci de pronto na usina completando com etanol o tanque, e me responsabilizei caso tivessem algum prejuízo. Nada aconteceu com os veículos”.

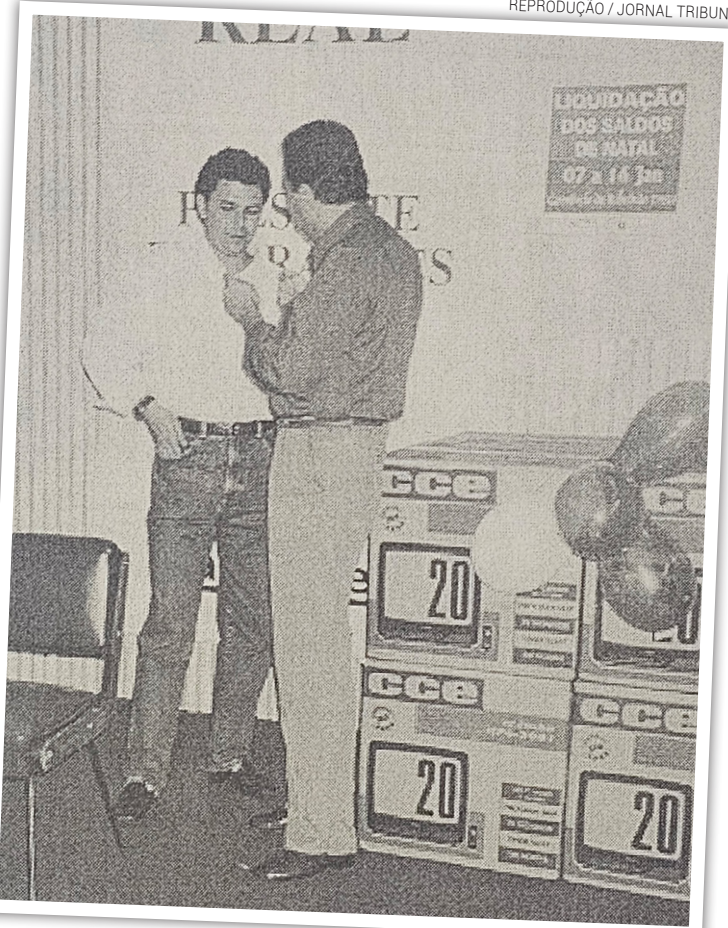
Mas, no final da década de 1990, com a diminuição da produção de carros a álcool, ele acabou usando por um período um Ômega movido à gasolina.

Justamente nesta época – e sem conhecer essas histórias –, um repórter do Tribuna o questionou e acabou ‘descobrimdo’ que o veículo utilizado pelo empresário tinha motor à gasolina.

A justificativa para tal feito, publicada pelo jornal em 1999, foi a de as empresas não estavam fabricando modelos de veículos considerados ‘completos’ (com direção hidráulica, ar-condicionado etc.) com opção a álcool.

O fato acendeu um sinal de alerta no usineiro, que no ano seguinte comprou um Volkswagen Santana a álcool.

“De brincadeira, mas com muita verdade, para marcar a importância que a matéria do Tribuna teve nesse ato, aproveitei um evento



Eduardo Batista, diretor do Tribuna, faz a entrega do Santana a álcool para Maurílio Biagi

da ACIRP em que o Eduardo Batista, diretor do jornal, estava presente e pedi a ele para fazer a entrega simbó-

lica das chaves do Santana a álcool, para sacramentar que ele foi fruto da reportagem”, lembra Maurílio.





# Zé Goleiro, uma viagem no tempo



FOTOS: REPRODUÇÃO / JORNAL TRIBUNA

Zé Goleiro e a esposa, dona Tereza, durante entrevista em 1996

O lugar ainda não era tão conhecido como viria a ser – e hoje é ainda mais. Mas era o destino perfeito para um jornal semanal, leve e descontraído, que adorava descobrir personagens inusitados e contar histórias de gente. Ainda mais quando se tratava de ‘gente como a gente’.

Foi assim que a equipe do Tribuna visitou a Venda do Zé Goleiro, “15 minutos e 16 quilômetros depois de deixar o centro de Ribeirão”. A estrada de terra até à fazenda Boa Vista, no antigo caminho para Guataparã, havia acabado de receber melhorias, estava “bem cuidada, larga e espaçosa”. Talvez, por reco-

mendação do então prefeito Antônio Palocci, que na semana anterior havia passado pelo lugar e assinado o livro de visitantes. “Ser perfeito tem coisas boas. E uma delas foi ter vindo aqui”, deixou registrado.

Oficialmente, o nome do lugar era Armazém Boa Vista, em homenagem à fazenda, que um dia foi do temido coronel Quinzinho Junqueira, chefe político local. Mas, a fama do simpático proprietário foi maior, e a venda ficou conhecida e ganhou fama nacional com o nome de Zé Goleiro.

Aliás, por mais óbvio que pareça, o apelido foi, sim, uma homenagem às habi-

lidades debaixo das traves, no campo improvisado da fazenda, de José Carlos Gonçalves, que na época da entrevista tinha 52 anos, “um homem alto, forte, de cabelos grisalhos e óculos”.

A venda ocupa um imóvel amplo, com mais de 20 metros de comprimento, “jeito de estação ferroviária readaptada e quase 100 anos de história”, como registrou o Tribuna. O antigo proprietário era seu sogro, José Luiz Nunes Filho, pai da esposa Tereza Nunes Gonçalves.

Durante a entrevista, regada a uma farta porção de linguiça de porco fritinha e cerveja gelada (menos para

a equipe de jornalismo), Zé Goleiro fez questão de mostrar muita coisa do que havia no lugar. Tudo, claro, seria impossível – ou demoraria uns bons dias...

Eram itens curiosos e até mesmo raros, como o antigo rádio Philips, que demorou mais de dois minutos até desembestar a falar outros idiomas. “É a sexta onda”, explicou o comerciante.

Como tudo ali remetia ao passado, não poderiam faltar moedas antigas. Em um saco envelhecido, ele guardava centenas delas, de 200, 500, 1.000 e 2.000 réis, da Independência (1822) até o Estado Novo (1938).



Na Venda do Zé Goleiro era possível encontrar de tudo, até moedas do ano da Independência



FACEBOOK

Imagem recente da Venda do Zé Goleiro, publicada na rede social

Com a mesma educação e paciência que recebeu a reportagem, Zé Goleiro para diversas vezes durante a entrevista para atender clientes. Primeiro, dois policiais, que chegam num carro da PM em busca de pão caseiro. Depois, a família de João Paulo Martins, produtor e comerciante de verduras e legumes de Bonfim Paulista, ali perto, que afirmou frequentar o lugar em busca de “tranquilidade e paz”.

Antes das despedidas, a equipe ainda foi surpreendida por um senhor, “de seus 80 anos”, que entrou no ar-

mazém, quase mudo, atento a tudo. Nada comprou, apenas observou cada detalhe. Disse que morou ali, de 1918 a 1922. Com os olhos cheios d’água, confessou que já poderia morrer...

## Comerciante faleceu em 2009

José Carlos Gonçalves, o Zé Goleiro, faleceu na manhã do dia 22 de janeiro de 2009, no hospital São Francisco, em Ribeirão Preto, em consequência de uma infecção generalizada. Desde então, a venda que leva seu nome é administrada pela família.

## Origem do armazém está ligada à ferrovia

A história da Venda do Zé Goleiro – ou do Armazém Boa Vista – começa há mais de 100 anos, quando o prédio servia ao ramal ferroviário da Fazenda Boa Vista, de propriedade de Joaquim da Cunha Diniz Junqueira, o poderoso Coronel Quinzinho, chefe político do Partido Republicano Paulista.

Há cerca de um quilômetro dali ficava a estação de Francisco Maximiano (homenagem a Francisco Maximiano Junqueira, o Quito Junqueira, então proprietário daquelas terras), inaugurada em 1913.

Já funcionando como armazém, foi inicialmente conhecida como Armazém da Boa Vista e, depois, Armazém do Zezito – referências ao local e antigo proprietário.

Em 1937, José Luiz Nunes Filho, mais conhecido como Zezito e sogro de Zé Goleiro, começou a trabalhar no armazém, então administrado pelos Irmãos Marinho. Três décadas depois, em 1968, Zezito assumiu a propriedade e a venda passou a ser comandada por sua família, tornando-se um ponto tradicional da região.

## Ex-padre ressalta “absurdos” em ata de criação

A convite do jornal, o ex-padre Mario Palumbo (deixou a batina para se casar, nos anos 1970) analisou a ata de fundação da Tribuna Evangélica de Deus. Suas palavras:

“A Igreja Evangélica Tribuna de Deus é uma ‘contradictório in terminis’, ou seja, uma contradição, um absurdo, uma vez que sua administração tem um Conselho Geral Agnóstico.

Evangélico é a fé em Deus através da pessoa de Jesus Cristo. O agnóstico é a pessoa

que afirma a impossibilidade de conhecer a Deus. Pragmaticamente, o agnóstico não toma posições frente a problemas religiosos ou morais.

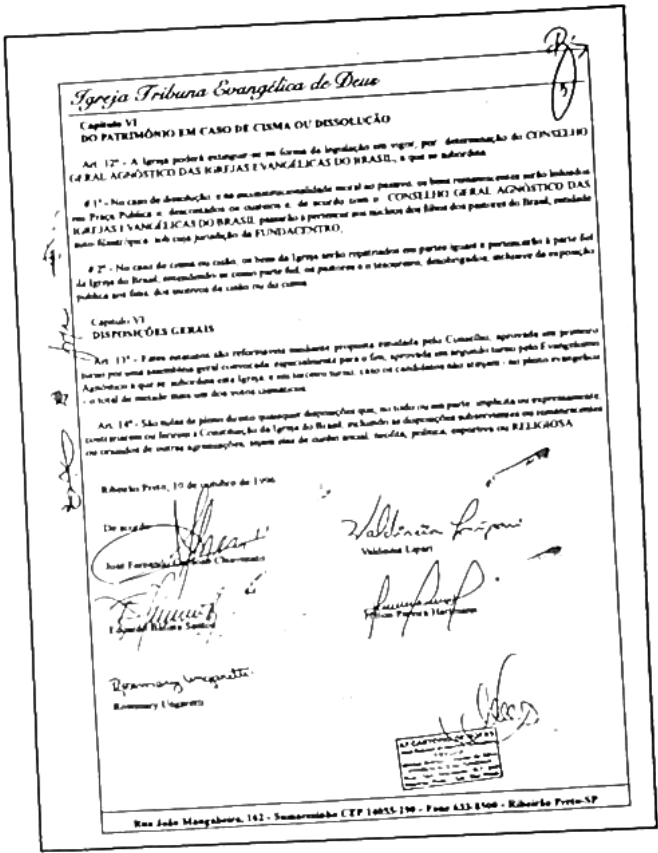
Daí a inviabilidade do agnosticismo enveredar em um caminho de fé ou moral.

Seria como um turista que escolhesse um cego como guia em um local desconhecido para ambos. Não existe a menor possibilidade.

Servir-se também de bens de origem ilícitos é constituir uma sociedade delinquente”.

## Jornal funda a Tribuna Evangélica de Deus

REPRODUÇÃO / JORNAL TRIBUNA



Ata de fundação e registro no cartório: documento para criar uma igreja

Salvador Antônio de Brito era o contador do Tribuna em 1996. Certo dia, ele recebeu uma missão singular: providenciar a abertura de uma igreja. Era a Tribuna Evangélica de Deus, nome da fictícia casa de orações fundada pelo jornal para mostrar a facilidade com que era possível criar uma igreja, com baixo custo e sem nenhum conhecimento religioso.

“Apesar de toda a burocracia, não foi tão difícil”, disse Salvador, que gastou três semanas viabilizando os trâmites legais.

O jornal explicava que era quase como fundar uma associação. O primeiro passo é reunir os membros fundadores, depois elaborar um estatuto, nomear seus dirigentes, tirar a certidão negativa de pessoa jurídica e, finalmente, registrar a igreja. Depois ainda foi preciso juntar os documentos de cada membro da Tribuna Evangélica de Deus ao estatuto registrado para dar entrada no pedido do CNPJ – que na época ainda era chamado de CGC. O passo final foi tirar a inscrição municipal.

Tudo isso não custou R\$ 100 – em valores corrigidos de hoje, cerca de R\$ 885.

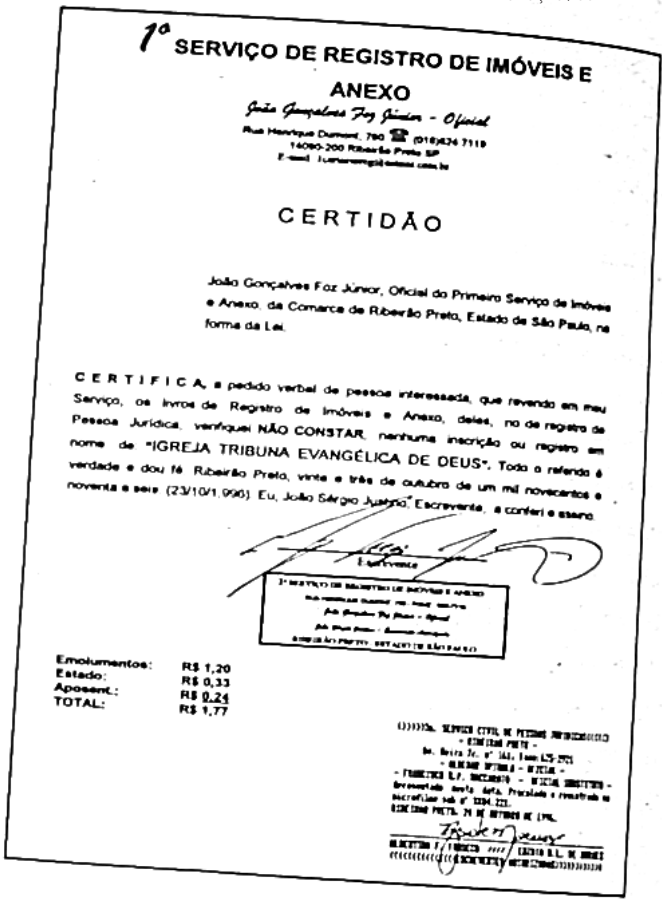
O Tribuna esclareceu que já no início da semana seguinte à publicação estaria ingressando no mesmo cartório solicitando o fechamento da “igreja” e o cancelamento natural do seu registro.

“A intenção do jornal não foi outra se não demonstrar a facilidade em se registrar uma igreja, independente de sua ideologia ou de seus seguidores”, frisou a publicação.

Para quem ficou curioso, a Tribuna Evangélica de Deus

transformou em pastores o então editor do jornal, José Fernando Chiavenato, e o repórter Hilton Hartmann. Os dois eram, respectivamente, presidente e vice da igreja, mesmo não demonstrando qualquer conhecimento em teologia.

Eduardo Batista, diretor de jornalismo, virou diácono para poder ocupar a secretaria geral; enquanto a diagramadora Rosemary Ungaretti, de formação católica, ocupou a tesouraria. Outros funcionários formaram o Conselho dos Aspirantes a Evangélicos.







# “Entre aspas”

O que disseram ao Tribuna Ribeirão

*“Peço às autoridades e aos formadores de opinião que parem de chamar Ribeirão de Califórnia Brasileira, porque ela não é”.*



Luiz Roberto Jábali, prefeito de Ribeirão Preto.

*“Roosevelt era o Lênin do capitalismo. Getúlio Vargas era Stálin, um pouco mais simpático”.*



Antônio Vicente Golfeto, economista, jornalista, político, escritor, assessor do Instituto de Economia Maurílio Biagi, da ACIRP, e grande frasista.

*“Mas ela não é o estereótipo da loira burra e ingênua. Pelo contrário, é muito espertinha”.*



Elaine Mickely, atriz, ao falar sobre sua personagem na Escolinha do Professor Raimundo, a Tere-suda.

*“Isso é taça de pobre! Miséria, miséria...”.*



Sérgio Naya, deputado federal e empresário, construtor do Palace II, edifício que desabou em 1998, na Barra da Tijuca, matando oito pessoas, reclamando de um copo de vidro durante festa de ré-veillon nos Estados Unidos. Naya morreu em 2009.

*“Nunca mais vi o Kiko Zambianchi. Acho um cara bacana, talentoso, mas namorei o Kiko quando era adolescente, tinha 16 anos. E é só. Preferia pular esse capítulo”.*



Carolina Ferraz, atriz, comentando sobre o relacionamento de quase dois anos com o músico ri-beirão-pretano.

*“A conquista da democracia é a conquista da escola pública”.*



Gilberto de Abreu, sociólogo, professor, escritor, ex-vereador e ex-secretário municipal de Cultura e Meio Ambiente.

*“Se o Lula ganhar, vai ser um caos”.*



Fernando Collor de Mello, ex-presidente da República, durante a campanha presidencial de 1989. Eleito, Collor bloqueou cerca de 80% do dinheiro em poupanças, contas correntes e outros investimentos, na tentativa de combater a hiperinflação. Pouco mais de dois anos depois, sofreria processo de afastamento. Desde abril cumpre pena, em prisão domiciliar, por participação em um esquema de corrupção na BR Distribuidora.

*“Existe uma mistificação em torno da índole do brasileiro. Acreditamos ser um povo pacífico, mas não somos. Ao contrário, a violência sempre permeou as relações sociais no Brasil”.*



Gilberto Dimenstein, jornalista e articulista da Folha de São Paulo. **Gilberto Dimenstein**, jornalista e articulista da Folha de São Paulo.